

Cabeças femininas

"Pintor premiado procura modelos femininos para posar nos sábados e domingos. Remuneração condizente. Rua Barreto Leme 218". O Anúncio, publicado vez por outra nos jornais da cidade, soa insólito: afinal o figurativismo já parecia morto e Campinas não é a Paris das primeiras décadas do século. Mas nada disso faz diferença para a legião de estudantes, comerciárias e empregadas domésticas que, diariamente, bate à porta de Paulo Fonseca de Barros, em busca de uma oportunidade.

O primeiro espanto: o ambiente nem de longe lembra um ateliê, mas sim um consultório médico. É bem verdade que ao redor da mesa atulhada de papéis e catálogos medicinais acumulam-se quadros, molduras, esboços. Nas paredes, rostos tranqüilos de adolescentes espiam um armário repleto de vidros de amostra grátis. E por trás da mesa, reclinado numa poltrona, o modelo é avaliado pelos olhos de expressão bondosa do doutor Paulo, um tisiologista de 72 anos, mas que arte mantém dividido ao meio desde 1943, quando começou a pintar cabeças femininas.

Mostra um quadro e outro, revela que na verdade desenha desde os cinco anos, embora tivesse que parar aos 12 por "motivo de força maior". Explica: "Aos 12, me deixei absorver tanto pela arte que meu pai ficou seriamente preocupado e baixou uma proibição definitiva. Com eu o respeitava muito, parei mesmo. Só recomecei 25 anos depois".

O modo como ele passou um quarto de século sem tocar num pincel é algo que Paulo Fonseca não consegue explicar em poucas palavras.



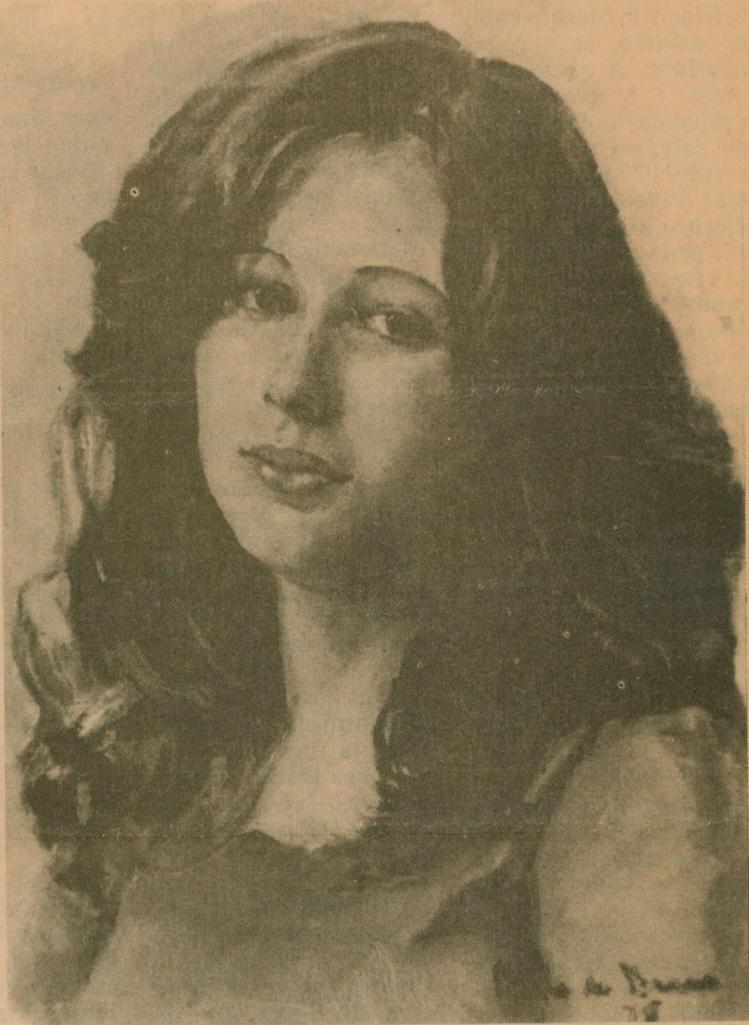
"Esfinge", 1978

"Prefiro me calar sobre isso", diz "A única coisa que posso garantir que foram anos de muito sofrimento". Mas faz outra revelação espantosa: ele solapou a promessa feita ao pai, pintando mentalmente todos os dias. Pintava paisagens, não era ainda o tempo das cabeças. Tanto que, em 1942, quando pintou de verdade sua primeira paisagem, mestres como Aldo Cardarelli e Pezzotti duvidaram que ele não tivesse andado pintando às escondidas.

Neto do fundador da cidade de Salto, o industrial Francisco Fernando de Barros — também fundador da primeira fábrica no Brasil, a Brasital —, Paulo Fonseca de Barros vem de uma família de pintores que inclui até mesmo o célebre Almeida Júnior, cujo escândalo amoroso seguido de assassinato levou muita gente, em Itu e proximidades, a esconder eventual parentesco com ele. Ocorreu que Almeida Júnior se enamorara de uma de suas modelos, dama da sociedade ituana, e por causa dela se exilou em Paris. Quando a paixão falou mais forte ele retornou disposto a apropriar-se dela, o marido o esperou de arma em punho. Paulo Fonseca lamenta ter sabido tardiamente desse parentesco: primo de sua avó paterna, Almeida Júnior seria, por conseqüência, uma sombra benéfica que muito o teria estimulado nos primeiros anos, quando, sem dúvida, as indicações não foram poucas.

De qualquer forma, em 1943, estímulo não faltava. Ele havia começado a sua série de cabeças femininas e era o primeiro ano do Salão de Belas Artes da cidade de Campinas, então uma mostra exclusivamente acadêmica e que teve 15 versões. O Salão nasceu, aliás, do esforço de Paulo em congregar um grupo de pintores em torno da figura maior de Aldo Cardarelli, já na época, segundo ele, "indiscutivelmente o maior paisagista do Brasil". Havia até mesmo uns poucos mecenas na área empresarial (como Brito Cury) e no jornalismo. Com a morte da maioria e a debandada de uns outros para centros maiores, o Salão começou a murchar. Há três anos houve uma tentativa de reconstituição na galeria do Cultura Artística, mas não deu certo. "De resto, diz Paulo, "prevalece por aí uma arte de solução fácil, mistificada e pobre".

Isso mostra que não mudaram suas opiniões a respeito



dos grupos modernistas que surgiram na cidade a partir de 1958, quando o Salão de Belas Artes foi substituído pelos salões de arte contemporânea, tendo na linha de frente o pessoal do Grupo Vanguarda. Paulo Fonseca lembra que muitos deles, inclusive o mais conceituado — Tomaz Perina —, foram acadêmicos e participaram dos salões de belas artes, até que decidiram fundar o seu próprio salão, esvaziando o até então existente. Foi outro fator que pesou e, a partir daí, a rearticulação ficou difícil.

Discípulo espiritual de Degas, como ele se considera, Paulo Fonseca não crê de forma alguma que a arte acadêmica — especialmente o paisagismo e o figurativismo — venha a desaparecer com o tempo. Prova disso é que Aldo Cardarelli continua tendo provavelmente mais mercado que todos os modernos locais juntos. "E diga -se de passagem que a maior parte de seus quadros não fica propriamente por aqui: viaja com endereço

certo ou para a Alemanha ou para os Estados Unidos", diz Paulo.

No entanto, admite que Cardarelli é um caso à parte e que, se dependesse do consumo local, até "o mestre" seria reduzido à condição de pintor de domingos. Mas Paulo não culpa a cidade, culpa a transformação demográfica que se tem operado nela. "Imagine você que saltamos de 70 mil habitantes em 1934 para quase 1 milhão em 82. A maioria dessa gente toda não assimilou ainda o estilo de vida cidadão e não se pode exigir dela, naturalmente, uma mentalidade voltada para a arte e a cultura. Os novos ricos, por seu lado, são transitórios e a maioria sequer utiliza a cidade como ponto de referência", explica.

Nada disso, o impede, entretanto, de continuar trabalhando. O sábado e o domingo são sagrados. E frente ao seu consultório, embora não se esteja em Paris, nem nos bons anos iniciais do século, nunca faltam cabeças femininas.



Paulo Fonseca e seu "Retrato de Senhora"